



SEMINOVELAS, AUTOBIOGRAFIA E FICÇÃO: GILBERTO FREYRE ROMANCISTA

SEMINOVELS, SELF-BIOGRAPHY AND FICTION: THE NOVELIST
GILBERTO FREYRE

Bruno Cesar Cursini*

* brunachos@gmail.com

Graduado em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, campus de Franca. Atualmente cursa mestrado em História no PPGHIS da UFU, sob orientação do Professor Alexandre de Sá Avelar.

RESUMO: Este trabalho pretende analisar parte da atividade que Gilberto Freyre desenvolveu na segunda metade de sua vida como autor do que ele denominava seminovelas: trabalhos de ficção que se aproximavam do romance moderno mais do que qualquer coisa que ele tenha escrito antes. Também estudamos parte de sua extensa produção autobiográfica; já que o biografismo é uma característica deste autor, julgamos pertinente a apreciação destes documentos. Acreditamos na importância de entender-se mais uma das vias de expressão e análise da realidade à qual Freyre recorreu em sua longa carreira de escritor. Procuramos dar ênfase a algumas dimensões contextuais mais significativas para a compreensão destes textos, como a rivalidade de Freyre com a USP e sua interlocução com o romancista José de Alencar.

PALAVRAS-CHAVE: Gilberto Freyre; *Dona Sinhá e o filho padre*; autobiografia; ficção; narrativa.

ABSTRACT: This paper intends to analyze part of Gilberto Freyre's activity in the second half of his life as author of what he called seminovels (seminovelas in the original); works of fiction that were closer to the modern novel than anything else he wrote before. We also study a fraction of his extensive autobiographical production and, as biographism is one of his traits, we consider convenient the appreciation of these documents. We believe in the importance of understanding one more way of expression and analysis of reality that Freyre used in his long writing career. We try to emphasize some of the aspects of the context that are more meaningful to the understanding of these texts, as Freyre's rivalry with USP and his dialogue with the novelist José de Alencar.

KEYWORDS: Gilberto Freyre; *Mother and son: a Brazilian tale*; autobiography; fiction; narrative

1. INTRODUÇÃO

Nossa proposta com este artigo é ampliar o entendimento da figura do romancista e seminovelista Gilberto Freyre e, para tanto, consideramos apropriada a abordagem do caráter memorialístico de sua obra, que, de modo geral, é vazada pelo autobiográfico.¹ A partir da década de 1950, tal obra passou a ser submetida a uma crítica vigorosa pela elite intelectual do eixo sudeste, sobretudo em decorrência da visão idílica que Freyre projetava sobre o período da escravidão, mas também devido a algumas divergências de método. Este período parece coincidir com uma certa obsessão de Freyre em produzir a própria memória.² Tal produção da memória implica também em sua ficcionalização. Gilberto Freyre torna-se o autor da própria vida em dois romances – *Dona sinhá e o filho padre* (1964) e *Outro amor do dr. Paulo* (1977) – os quais ele decide classificar como seminovelas. De tudo o que já se escreveu sobre as seminovelas de Freyre, segue como leitura mais exaustiva a publicada por Edilberto Coutinho: *A imaginação do real* (1983). Em seu estudo de teoria literária, Coutinho faz uma apuração detalhada da recepção crítica de *Dona Sinhá*; estabelece conexões entre os ensaios clássicos de Freyre – *Casa-Grande & senzala*, *Sobrado & mucambos* e *Ordem e progresso* – e sua posterior atuação como ficcionista, demonstrando, neste sentido, sobretudo, como as análises histórico-sociológicas de Freyre estavam sempre eivadas de ficção e o

romancista se insinuava nas palavras e reflexões do cientista social; Coutinho também seleciona livros e prefácios em que Freyre exercitou a crítica literária, e aponta para a construção “em abismo” da narrativa das seminovelas, sugerindo que isto possa ter alguma relação com a prática, por parte de Freyre, do desenho e da caricatura desde a infância e ao longo de toda a vida

O que gostaríamos aqui é de enfatizar o caráter autobiográfico, já constatado nas seminovelas, reforçando semelhanças entre Freyre e seu primeiro protagonista, o menino José Maria. Também pretendemos sondar algumas das intenções de Freyre como romancista: como e por que ele fez as escolhas que fez em termos da construção de personagens, elaboração do enredo, construção de um cenário e de uma paisagem para o desenvolvimento da trama, etc. O trabalho de Coutinho, a despeito de sua competência, deve ser também situado em seu próprio tempo, não sendo de pouca monta que em 1983 Freyre ainda estivesse vivo. Fernando Nicolazzi situa neste período a etapa mais problemática da recepção da obra de Freyre como um todo, estando esta recepção dividida entre detratores ferozes e admiradores apaixonados.³ Pelo tom de seus comentários, inferimos que Coutinho se incluía indubitavelmente entre os segundos. Nicolazzi aponta que foi apenas depois da morte de Freyre que seus textos foram, paulatinamente,

1. NICOLAZZI. *Um estilo de história*.

2. MEUCCI. *Artesania da Sociologia no Brasil*.

3. NICOLAZZI. *Um estilo de história*, cap. 1.

4. PALLARES-BURKE. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*.

tornando-se mais objeto de estudo do que alvo de ataques ou defesas inflamadas. À luz desta nova bibliografia que vem se construindo, com diversas informações relevantes, muitas coletadas diretamente nos arquivos de Freyre – como é o caso do trabalho realizado por Maria Lúcia Pallares-Burke⁴ – é que pretendemos iluminar alguns pontos que nossos predecessores no estudo das seminovelas possam ter negligenciado. Para tais efeitos, também é importante o emprego de um aporte metodológico pertinente à análise e interpretação dos textos clássicos. Optamos aqui por adotar a ideia de contexto multifacetado proposta por Dominick LaCapra. Em sua crítica ao contextualismo rígido de Skinner e seus adeptos, LaCapra sugere que o exercício interpretativo implica na busca não apenas por uma, mas sim por seis diferentes dimensões contextuais passíveis de serem devassadas pelo historiador das ideias. Seriam elas: a intencionalidade autoral; a vida do autor; a sociedade; a cultura; o *corpus* bibliográfico do autor e, por fim, os modos de discurso. A ênfase neste trabalho, devido a sua extensão limitada, será posta naqueles aspectos do contexto que parecem mais profícuos para se extrair conclusões acerca dos romances freyreanos. Também a segunda seminovela, *O outro amor do Dr. Paulo* recebe o tratamento de obra subsidiária da primeira, dado o enfoque que decidimos dar no diálogo que Freyre estabelece com

José de Alencar, bastante evidente, como procuraremos demonstrar, em *Dona Sinhá*.

2. GÊNESE DO ROMANCISTA

O trabalho crítico desenvolvido no Brasil a partir do Estado Novo tinha seus próprios critérios de canonização de textos. Mônica Pimenta Velloso nos explica como, ao longo de nossa história intelectual, prevaleceu a visão de uma crítica literária aferrada a preceitos positivistas, obcecada pela objetividade, que legitimava apenas as obras que se colocassem como as mais fiéis representações da realidade nacional. Tal concepção, gestada por Sílvio Romero durante o século XIX, foi reforçada pelo projeto literário estado-novista. Encontramos diversos paralelos entre o naturalismo literário de base documental, de cunho regionalista, e o que aparece nas páginas de *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Também é interessante apontar que dois dos autores utilizados por Velloso como exemplos da realização do projeto literário estado-novista foram bastante inspiradores para Freyre em sua estreia na ficção, dada a sua condição de principal animador do romance nordestino de 30: Jorge Amado, que figura na dedicatória de *Dona Sinhá*, e José Lins do Rego, grande amigo de Freyre desde os anos 1920. Lins do Rego integrava aquilo a que Maria Lúcia Pallares-Burke dá o nome de “O clã de Freyre”: um grupo de intelectuais, entre estudiosos e artistas, que, dado o vasto

“capital cultural” adquirido por Freyre em cinco anos de peregrinações por centros culturais da América do Norte e da Europa, davam às palavras dele o peso dos “discursos de autoridade”, mesmo ele sendo ainda muito jovem.⁵ Em 1937, José Lins do Rego reconhece a enorme contribuição de Freyre ao meio intelectual Brasileiro para uma “humanização profunda dos estudos de Sociologia”.⁶ De acordo com Lins do Rego, os escritores brasileiros queriam “entrar de chapéu na cabeça por dentro de assuntos bem difíceis de serem tratados”. Entretanto, quando Freyre decide se tornar seminovelistas, acreditamos ser possível imaginar que esta relação se inverta na interlocução textual dos dois autores: no campo do ficcional, Freyre passa a ser tributário de José Lins do Rego, autor de uma já consagrada saga com inspiração autobiográfica. Para Durval Muniz de Albuquerque Jr., Lins do Rego realizou, no campo das letras, o mesmo trabalho de invenção do Nordeste que Freyre realizou na sociologia.⁷ José Lins, por sua vez, segundo o que Freyre observa no prefácio de 1947 de *Ingleses no Brasil*, teria “deixado o panfleto pelo romance, em grande parte sob o encanto da leitura de autores ingleses traduzidos ao francês e ao espanhol”.⁸ Esta situação demonstra que devemos nos pôr em guarda contra a cômoda noção de *influência*. De acordo com Nicolazzi,

O principal problema para tal noção reside no papel de passividade concedido àquele que sofre influência de outrem. A consequência disso é que, em muitos casos, ela acaba por inverter os termos da relação, dando à ideia de tradição uma linearidade natural e, por vezes, enganosa.⁹

Daí concluir-se que a relação de uma determinada visão com outras distintas ocorre por via de trocas recíprocas, não numa troca simétrica e hierarquizada de aptidões, valores e habilidades. Acataremos, portanto, a sugestão de Pallares-Burke de trabalhar com a ideia de “diálogo” ou de “interlocução”.¹⁰

Velloso aponta uma ânsia biográfica por parte da tradição intelectual que levava adiante o projeto de Literatura-modelo a ser consagrado no Brasil, da qual a obra de Euclides da Cunha se fazia o maior expoente, em oposição à Literatura-ficção de Machado de Assis. Machado de Assis era um autor quase sem passado, que escondia a própria biografia, inclusive em aspectos de sua obra, obra que a crítica de 1920-1930 – assim como alguns adeptos do movimento modernista de 22 – viria a taxar de alienante.¹¹ Como Nicolazzi bem demonstrou, boa parte da obra freyreana foi urdida à “sombra” do mestre Euclides da Cunha.¹² Isso talvez ajude a entender a diligência de Freyre em documentar a própria vida e fabricar a própria narrativa de forma pública, mas não é o único aspecto

5. PALLARES-BURKE. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, p. 167-170.

6. NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 62.

7. ALBUQUERQUE JR.. *A invenção do Nordeste e outras artes*.

8. FREYRE. *Ingleses no Brasil*, p. 9.

9. NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 36.

10. PALLARES-BURKE. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, p. 39.

11. VELLOSO. *A literatura como espelho da nação*.

12. NICOLAZZI. *Um estilo de história*.

contextual a ser levado em consideração. Freyre era um leitor ávido de diários, memórias e autobiografias, e um grande apreciador de romancistas como Proust e Gissing, que experimentaram com a ficcionalização das próprias memórias. De acordo com Pallares-Burke,

no que diz respeito a estratégias de auto-apresentação e dramatização, há paralelos entre *Tempo morto* e outro livro favorito do jovem Freyre, *The Private Papers of Henry Ryecroft*, de George Gissing (1857-1903), uma obra de ficção em forma de diário, que foi tomada como história autêntica por alguns leitores na época de sua publicação original em 1902. Escrevendo bem mais tarde sobre Gissing, Freyre o descreveu como o autor de ‘um dos mais sugestivos diários já publicados na língua inglesa’ e *The Private Papers* como um ‘ensaio-memória’ ou uma tentativa de transformar o autor ‘em personagem de ficção’, do mesmo modo que Proust fizera com Marcel no *À la recherche du temps perdu* (Freyre, 1975, p. XI; ca. 1981, p. 71-3).¹³

É preciso ter em mente que “Freyre não escreveu como o fez simplesmente porque era um suposto e nostálgico herdeiro das oligarquias decadentes, resíduos do patriarcado colonial”.¹⁴ Há uma distinção a ser estabelecida entre *motivos* e *intenções*. Os motivos seriam um fator externo à obra escrita, já as intenções “possuem uma dimensão

eminentemente coletiva, estando inseridas em um âmbito comunicativo que implica uma legibilidade pública da obra”.¹⁵ Parece-nos interessante complementar este pensamento com a noção de *intentio operis* – da qual nos recorda Umberto Eco, e segundo a qual os textos mesmos estariam dotados de uma intencionalidade própria, distinta da de quem os produziu, e mesmo de quem os lê.¹⁶

Freyre pode ser visto como representante de uma longa tradição memorialista na literatura universal. Ele realmente se ressentia de que entre nós, brasileiros, não tenha frutificado a cultura do diário e da escrita íntima em geral, especulando que isto seja uma característica da tradição católica, que incentiva a confissão íntima aos sacerdotes, em detrimento da palavra escrita.¹⁷ Ainda assim, ele vê o memorialismo como característica indissociável da literatura portuguesa, e mesmo desse idioma. Ao se examinar como escritor, Freyre diz que acredita “pertencer principalmente à tradição ibérica de escritor”, tradição, segundo ele, em alguns pontos afim à anglo-saxônica: ambas seriam “constantes de expressão literária ou, mais especificamente, de expressão literária através do ensaio. Através também do drama, da própria novela e da própria poesia”.¹⁸ Freyre fala em uma “saudades à portuguesa”, que se encontra “vindo desde Bernardim Ribeiro a Eça e a Camilo, passando por Rodrigues Lobo; e frequentemente se aliando a outro

13. PALLARES-BURKE. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, p. 27.

14. NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 18.

15. NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 18.

16. ECO. *Interpretação e superinterpretação*.

17. FREYRE. *Tempo morto e outros tempos*.

18. FREYRE. *Como e porque sou e não sou sociólogo*, p. 167.

19. FREYRE. *Tempo morto e outros tempos*, p. XII-XIII.

20. FREYRE. *Tempo morto e outros tempos*, p. XI.

21. FREYRE. *Tempo morto e outros tempos*, p. XII.

característico da gente portuguesa, que seria o ‘aceitamento resignado da infelicidade’¹⁹. Neste sentido, outra obra com a qual sua produção literária se põe em diálogo é a de Valery Larbaud, “escritor francês em quem [descobriu] afinidade profunda com o [seu] modo de considerar o tempo. Com o [seu] modo de procurar captar momentos vividos”.²⁰ De acordo com Freyre, este modo contrastaria com o de Proust, já que este último

nos daria sempre [...] uma “sensação de vida intensa e claramente ressuscitada e posta em movimento”. Larbaud seria menos rico, menos intenso, menos dinâmico no seu modo de recapturar o tempo morto, revivendo-o. Seu ponto de vista seria constantemente o de um “Presente-Histórico”: o Presente a se dissolver em Passado em vez de o passado a se movimentar em Presente. De modo que em Larbaud a saudade “é evocação de tudo e de todos”. Do passado como do presente e do futuro.²¹

É possível captar aí uma forte simpatia pela hermenêutica do tempo histórico estabelecida por Larbaud, que reconhece a impossibilidade de captura do presente, eternamente fugidio, e se rende a um passado esmagador. Tal questão ainda pauta as discussões teóricas da historiografia. Arthur Ávila se pergunta, “como continuar afirmando a separação ‘objetiva’ entre passado e presente num contexto

em que demandas passadas são constantemente reatualizadas?”²² É possível que a simpatia de Freyre pelo tipo de memorialismo de Larbaud estivesse ligada a seu desejo de manter um dado passado histórico na condição de “tempo morto”, no qual o passado não se movimentaria no presente. Embora Ricardo Benzaquen de Araújo tenha demonstrado como, em *Casa-grande & senzala*, Gilberto Freyre não negasse os conflitos sociais ou a opressão sofrida pelos escravos²³, suas opiniões públicas da última parte da vida são conhecidas por sustentarem uma negação do passado escravocrata como trauma. Pallares-Burke observa que o que dava a Freyre condições para pensar o Brasil inovadoramente também lhe acarretava limitações, tornando-o, talvez, “prisioneiro do sonho de um Brasil-mestre em democracia racial, [que] viu, ao menos algumas vezes, como realidade palpável o que só existia em potência”.²⁴ A suavização das relações entre senhores e escravos existe em *Dona Sinhá*: há o moleque, companheiro de brinquedos do protagonista, figura curiosa que parece não ser afetada pela passagem do tempo; a mucama, verdadeira “mãe preta” de José Maria, responsável por dar-lhe uma espécie de segunda educação; ela era “como se fosse pessoa da família”, expressão muito usada por Freyre para descrever a situação dos escravos domésticos. São tipos

22. AVILA. “Povoando o presente de fantasmas”, p. 192.

23. ARAÚJO. *Guerra e paz*.

24. PALLARES-BURKE. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, p. 425.

[c]hamados *ideais* por alguns sociólogos influenciados por Max Weber: e que, simplificando um tanto arbitrariamente o conceito do alemão, são tipos feitos pela reunião de figuras individualmente existentes. Existentes em tal número que são suscetíveis de ser reduzidas a tipos sociologicamente válidos. Também figuras novelisticamente válidas, é o que o autor de *Dona sinhá e o Filho Padre* procura sugerir no seu talvez romance.²⁵

25. FREYRE. *Dona Sinhá e o Filho Padre*, p. 180.

Coutinho, em sua análise de *Heróis e vilões no romance brasileiro*, conclui que Freyre estava sempre em busca de um conteúdo social na ficção e via o romance como a história do desajustamento de um indivíduo a seu meio.²⁶ É justo afirmar que *Heróis e vilões* também problematiza, por outro lado, o conteúdo ficcional das próprias ciências sociais, na medida em que coloca o sociólogo como um encarregado de construir formas sociais, tipos e símbolos em sua tentativa de exaurir todas as possibilidades de representação do real.²⁷ Possivelmente estas diferentes ramificações de atividade intelectual se amalgamavam no que, para Gilberto Freyre, era o “ser escritor”. Simone Meucci faz uma ponderação acerca disto: segundo ela, o jovem Freyre, nos anos de sua formação universitária, já confessava ao amigo Oliveira Lima sua ambição de seguir carreira de escritor em algum jornal do Brasil e, possivelmente, via na História e na Sociologia ferramentas para realizar-se nisto.

26. COUTINHO. *A imaginação do real*.

27. FREYRE. *Heróis e vilões no romance brasileiro*.

A autora, entretanto, alerta para o fato de que “o ofício de escritor, tal como parecia conceber para seu destino, estava mais relacionado à observação social e à crítica cultural do que à ficção poética e literária propriamente dita”.²⁸ O que apontamos é que, na mesma correspondência com Oliveira Lima, Freyre parece sim interessado em enredar pela ficção literária – embora admita que o projeto “possa vir a morrer em sua mente”: de acordo com o conteúdo de carta ao amigo, pode-se presumir que Freyre acalentava esta ideia desde os 21 anos, quando demonstrava entusiasmo em um dia emular Herman Suderman.

Segue a novela de Suderman, da qual, como já disse, gosto muito. E digam que os diabos dos alemães são pesados demais para novelas! Desculpe algumas margens sujas de garatujas e lápis. São notas. A primeira parte do livro tem interesse para mim pois versa um assunto no qual eu vinha pensando há dois anos. Um dos meus sonhos é escrever uma novela sobre um menino, e o herói de Sudermann se parece muito com o que vive há tempo na minha mente onde talvez venha a morrer.²⁹

Assim, parafraseando Meucci, sugerimos que, embora para Freyre o ofício de escritor pudesse estar mais relacionado à observação social e à crítica cultural, ele *também* estava relacionado, em alguma medida, à ficção poética

28. MEUCCI. *Artesania da Sociologia no Brasil*, p. 58.

29. CASTRO GOMES (org.). *Em Família*, p. 108.

e literária propriamente dita. Provavelmente a associação persistiu no autor maduro, influenciando toda a sua concepção da História que, segundo ele, não deveria ser outra coisa que não “a essência de inúmeras biografias”.³⁰ Pallares-Burke nos lembra que esta frase remonta a Thomas Carlyle, uma das leituras que mais influenciou o jovem Freyre.³¹ *Ordem e Progresso* não deixa de ser, em 1959, uma materialização desta ideia, já que foi elaborado com base em diversas autobiografias recolhidas por Freyre através de centenas de questionários distribuídos entre sobreviventes do período de transição pelo qual o Brasil passou na segunda metade do século XIX: a transição do trabalho escravo ao livre, da monarquia à república. É digno de nota a proximidade dos anos de publicação de *O outro amor do Dr. Paulo e Dona Sinhá*, assim como a coincidência do período histórico retratado. Segundo François Dosse, há uma “tensão entre a ânsia de verdade e uma narração que deve passar pela ficção e que situa a biografia num ponto médio entre ficção e realidade histórica. Em suma, uma ficção verdadeira”.³² Freyre parece, portanto, pretender aproximar o discurso historiográfico do ficcional.

Em *Dona Sinhá* temos uma narrativa que é mobilizada tanto no sentido de criar e imaginar quanto de reconstruir o passado e elaborar teorias a respeito da sociedade, como a conhecida visão de Freyre sobre o papel da família, “uma

instituição mais característica do Brasil do século XIX que a própria instituição monárquica; e à qual a religião católica se acomodara como um culto mais doméstico que eclesiástico”.³³ Tais trechos, em geral, são grafados em itálico, pontilham o texto de forma intermitente, e para isto o autor fornece a explicação de que “constituem passagens rigorosamente históricas”.³⁴ É uma diferenciação gráfica curiosa, feita com base em critérios epistemológicos, por alguém preocupado em diferenciar, para o público leitor, o real do fictício. É de se perguntar se o autor teria feito tal escolha por didatismo, ou se ela revela algum tipo de pretensão a inovar. Talvez seja algo que confunda, mais do que revele, as sutis e intrincadas relações entre narrativa histórica e ficcional.

Ao falar de autores como Truman Capote e Norman Mailer, considerados fundadores de um gênero literário de “não-ficção criativa”, Peter Gay reflete se eles não estariam prestando um desserviço ao “confundir dois âmbitos distintos sem proveito para nenhum deles”.³⁵ Uma de nossas perguntas é se as seminovelas de Gilberto Freyre não cairiam nesta mesma armadilha. Na verdade, este pode ser um dos pontos em que a seminovela se aproxima da obra de José de Alencar: em *O guarani*, encontramos diversas notas de rodapé, que suspendem momentaneamente a ficção para comunicar ao leitor que determinado personagem existiu

30. FREYRE. *Tempo morto e outros tempos*, p. 28.

31. PALLARES-BURKE. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*.

32. DOSSE. *O desafio biográfico*, p. 12.

33. FREYRE. *Dona Sinhá e o Filho Padre*, p. 92.

34. FREYRE. *Dona Sinhá e o Filho Padre*, p. 177.

35. GAY. *O estilo na História*, p. 175.

de fato, ou que tais e quais acontecimentos estão de acordo com determinadas fontes históricas verificáveis.³⁶ Tal riqueza de elementos transforma *Dona Sinhá* num objeto ímpar para compreender as estratégias de representação do passado desenvolvidas por Gilberto Freyre em todo o seu *corpus*. De acordo com Fernando Nicolazzi, “tal modelo parece ter sido elaborado como uma espécie de resposta àquele oferecido algumas décadas antes, com a escrita de *Os sertões*, alçado por parte da crítica daquele período como grande modelo de interpretação da cultura brasileira”.³⁷

Assim, na tentativa de estabelecer um novo paradigma analítico para a sociedade brasileira, Freyre se via forçado a “contornar” as bases lançadas por Euclides da Cunha, o que implicava não somente celebrar um consórcio entre ciência e arte, como também oferecer um modelo alternativo a um que era legitimado pelo “signo da distância”:

O sábio de Apipucos almeja por meio de sua escrita ‘tocar o nervo’ do passado, daí todo o sentido de proximidade que emana de seu texto, uma quase que contiguidade entre experiência e linguagem no anseio sempre frisado de fazer “do verbo, carne”. [...] [P]ara Gilberto é justamente esse caráter contíguo que parece lhe servir como princípio de validade para seu registro e, por isso, este dispensa uma série de procedimentos de asepsia admitidos pelo engenheiro.³⁸

Pensamos que a partir da década de 1960, aferrando-se à matriz de originalidade de seu principal trabalho, Freyre investe neste “caráter contíguo” como “princípio de validade para seu registro”, usando o ensaísmo, a escrita em primeira pessoa do singular e a ficção para, num contexto de recepção não muito favorável às suas ideias, elaborar um método de contestação aos argumentos dos que as atacavam, sendo estes os intelectuais de São Paulo, em geral ligados à USP, que concebiam um projeto de modernização do Brasil em moldes bastante diferentes daqueles em prol dos quais advogava o sociólogo pernambucano: Freyre concebia a realidade com uma harmonização entre contrários, não uma dialética, e via a luta entre senhores e escravos como um embate mais cultural que social.³⁹ Para Albuquerque Jr., a utopia de Freyre seria “o surgimento de uma sociedade na qual a técnica não seria inimiga da tradição, em que técnica e arte se aliem, e tradição e modernidade andem juntas, sempre sob o controle da primeira”.⁴⁰ O projeto modernizador USP/Sudeste se desenvolvia sobre bases marxistas e racionalistas e era bastante crítico das teses de Freyre no que concerne à mitigação dos conflitos entre senhores e escravos. Classificar os ensaios sociológicos do pernambucano de ficções era uma maneira de afirmar que se tratavam de narrativas que engendravam uma realidade própria, mas que não encontravam eco na realidade empírica.

36. ALENCAR. *O Guarani*.

37. NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 38.

38. NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 41-42.

39. MEUCCI. *Artesania da Sociologia no Brasil*.

40. ALBUQUERQUE JR. *A invenção do nordeste e outras artes*, p. 101.

É possível analisar os textos em seu contexto de produção, levando-se em conta as leituras de Freyre e suas preferências. Não nos parece suficiente, porém, fazermos isto apenas em relação a outros trabalhos de ficção, que o autor via como obras-primas a igualar ou superar. Os livros são também parte de uma longa e elaborada resposta a um debate animado com a sociologia científica e o modernismo que emergira no eixo Rio-São Paulo. Ricardo Benzaquen de Araújo de fato sugere que passemos a pensar a produção de Freyre “não tanto como uma alternativa conservadora, mas como um outro modernismo, eventualmente distinto daquela postura a um só tempo nacionalista e modernizadora que se tornava gradualmente hegemônica entre nós”.⁴¹

3. DONA SINHÁ E O FILHO PADRE: NOVELA, ROMANCE, ENSAIO OU AUTOBIOGRAFIA?

Gilberto Freyre se tornou conhecido pela sua fluidez conceitual.⁴² Há uma grande dificuldade, por parte de críticos e analistas, em enquadrar diversos de seus trabalhos nas definições convencionais. Por exemplo, ao tempo da recepção de *Casa-grande & senzala* na França, havia grande preocupação dos intelectuais daquele país em classificar Freyre, ou como sociólogo, ou como etnógrafo, ou como historiador.⁴³ Era uma premissa importante para aquela época e aquele meio. No caso deste estudo, entendemos como importante a classificação – ou ao menos a tentativa

de uma – do Gilberto Freyre ficcionista em alguma ou algumas das categorias previamente estabelecidas para este gênero de atividade. Consideramos um bom ponto de partida para isto o para-texto de *Dona Sinhá e o filho Padre*. Gérard Genette define para-texto como uma zona indecisa, que traz um

comentário autoral, mais ou menos legitimada pelo autor, constitui, entre texto e extra texto, uma zona não apenas de transição, mas de *transação*: lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público em serviço, bem ou mal cumprido e terminado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente – mais pertinente, se entenda, aos olhos do autor e de seus aliados.⁴⁴

Assim sendo, “a estrutura que contempla o nome do autor, os títulos, as dedicatórias, epígrafes etc., a instância prefacial, fazem parte do conjunto definido como para-texto”.⁴⁵ O termo instância prefacial, escolhido por Genette, é bastante apropriado pois, no caso de *Dona Sinhá e o Filho Padre*, o texto que cumpre a função que Freyre dá aos prefácios em seus outros livros fica, na verdade, ao final do livro; possivelmente um recurso para não quebrar o suspense da trama. E também mais honesto de sua parte como autor, já que os prefácios são sempre, paradoxalmente, um *post-scriptum*. Justamente por isso

41. ARAÚJO. *Guerra e paz*, p. 21.

42. COSTA LIMA. *A Aguarrás do tempo*.

43. LEENHARDT. *A consagração na França de um pensamento heterodoxo*.

44. GENETTE. *Seuil*, p. 7.

45. NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 99.

[n]a sua intenção de ato de reconhecimento do percurso de reflexão *a posteriori*, põe em ação uma retórica da persuasão ou de conhecimento e movimenta uma gramática, em que signos verbais (tais como dêiticos e modalizadores) buscam situar autor e leitor no mesmo espaço e tempo, no mesmo universo de referência.⁴⁶

Freyre era um prefaciador hábil que usava e mesmo abusava desse espaço para fornecer chaves interpretativas para sua obra. Pode-se dizer que ele transformava os prefácios num “espaço de jogo não só entre vários códigos de leitura, como por exemplo, aquele que se estabelece entre o historiográfico e o ficcional, como também entre os vários níveis de significação documental”.⁴⁷ Ele, mais especificamente, costumava construir um discurso polêmico com dupla função: “Por um lado, de ataque e combate a seus opositores e, por outro, de defesa e publicidade de sua escritura, invocando para isso o apoio de autores consagrados”.⁴⁸

O “pós-fácio” da primeira seminovela de Freyre chama-se, sugestivamente, “conversa do autor com o leitor”. Parece-nos que este título incute, ainda que sutilmente, a ideia do autor como leitor e intérprete privilegiado de seu próprio texto. É um espaço não apenas de apologia de seu próprio trabalho, mas também onde se fazem tentativas de orientar a leitura do público, por intermédio de alguns pactos. Em verdade, são examinados pactos já estabelecidos no

título *seminovela*, assim como suas possíveis implicações. Conforme já foi assinalado, este subtítulo é uma possível pista para o caráter autobiográfico de *Dona Sinhá*. Tanto o é que Freyre examina a possibilidade na “Conversa”, chegando mesmo a negá-la: “este semi-romance – ou seminovela? – ninguém pense que seja, mesmo remotamente, autobiografia disfarçada; ou biografia romanceada; ou história sob a forma de ficção”.⁴⁹ Uma forte imprecisão é lançada neste trecho, a começar pela dúvida: romance ou novela? É um dilema classificatório que tem sua relevância, já que Freyre não lhe passa ao largo. Aqui convém discutir, primeiramente, o porquê da negativa, até bastante enfática por parte do autor, do caráter autorreferencial de um texto que claramente o é.

Em primeiro lugar, acreditamos que esta atitude deixa transparecer o desejo de ser reconhecido como romancista/novelistas de fato: um ficcionista capaz de inventar e criar para além das reminiscências pesquisadas laboriosamente nos eventos da própria vida. Ciente do caráter memorialístico e autobiográfico que pairava sobre toda a sua retaguarda bibliográfica, Freyre tenta sinalizar que, com aquele livro, se propunha a fazer algo diferente. Desde seu regresso ao Brasil do exterior, em 1923, ele trazia consigo uma “bagagem teórica e conceitual sensivelmente distinta daquela que se podia considerar vigente em terras tropicais”.⁵⁰ A

46. VASCONCELOS. “O que se diz no princípio”, p. 176.

47. DIMAS. *Nas ruínas, o otimismo*, p. 115.

48. DIMAS. *Nas ruínas, o otimismo*, p. 116.

49. FREYRE. *Dona Sinhá e o Filho Padre*, p. 177.

50. NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 40.

crítica brasileira, de modo geral, era insistente no princípio de “verdade” para validação e consagração de obras literárias. Mônica Pimenta Velloso demonstra como nossa literatura, pautada por este referencial, tentou extirpar de si a própria ficção, empobrecendo-se, pretendendo retratar o real ao invés de transfigurá-lo. Inclusive José Lins do Rego, em sua crítica a Machado de Assis, chega a afirmar que “não se faz literatura recorrendo-se apenas aos caminhos da imaginação”.⁵¹ Conforme já foi apontado, Freyre também poderia desejar, em algum sentido ou medida, superar seus interlocutores textuais; nesse caso especificamente os escritores seus contemporâneos e conterrâneos. Ciente da distinção entre a literatura-verdade e os produtos de imaginações humanas mais vigorosas, Freyre tenta, ao dizer que sua seminovela não seria “nem remotamente” algo como uma autobiografia, incluí-la na segunda categoria. Em *Heróis e Vilões do romance brasileiro*, Zola é acusado de ter comprometido os próprios romances, abandonando neles a ficção pela tese. Já Mallarmé teria incorrido no equívoco oposto, ao desenvolver uma ficção virginalmente pura, pretensamente alheia ao social, ao histórico, etc.⁵² É justo inferirmos que a tentativa de Freyre, ao ter se realizado ele mesmo como romancista, seria a de produzir algo que ficasse entre estes dois limites.

51. VELLOSO. *A literatura como espelho da nação*.

52. FREYRE. *Heróis e vilões no romance brasileiro*.

Em segundo lugar, não se pode perder de vista seu “traço fortemente provocador e brincalhão, de quem ama colocar-se no seio de uma boa polêmica”.⁵³ Freyre gostava de jogar com ambiguidades e contrários, fazendo disto uma marca registrada de seu pensamento e de sua escrita. É sabido, por exemplo, que ele tentou colaborar com, ou mesmo criar o mito de que a designação de sociólogo lhe seria inadequada; mito este falseado por Simone Meucci, que demonstra, inclusive, o papel fundamental de Freyre na institucionalização do conhecimento sociológico e da Sociologia como disciplina no Brasil.⁵⁴ As informações que Freyre fornece a seu próprio respeito e a respeito de seus textos devem ser recebidas com cautela, ou mesmo desconfiança, a julgar, por exemplo, a constatação de Maria Lúcia Pallares-Burke de que ele tinha o costume de, se não alterar sistematicamente tudo o que republicava,

muitas vezes não se referia às mudanças que fazia e, ocasionalmente, afirmava estar apresentando os textos mais antigos na sua forma original. Seu hábito de emendar ou reescrever seus trabalhos para republicação escondeu, pois, uma parte importante de seu desenvolvimento intelectual.⁵⁵

Estes exemplos permitem entender o motivo de não nos fiarmos na palavra de Freyre como guia absoluto para a interpretação de *Dona Sinhá*. Ao descartar-se seu

53. BASTOS. *Prefácio*, p. 9.

54. MEUCCI. *Artesania da Sociologia no Brasil*.

55. PALLARES-BURKE. *Gilberto Freyre*, p. 29.

funcionamento também como um trabalho de escrita autorreferencial, deixa-se de compreender uma parte bastante rica do texto. Podemos, então, tratar este livro como uma ficção autobiográfica, uma narrativa de si na qual o autor se faz duplamente personagem: em primeiro lugar como narrador em primeira pessoa e autor do livro, em segundo lugar como objeto da própria investigação, na pessoa do finado menino José Maria. As técnicas de reconstrução do passado empregadas pelo narrador-personagem para recompor a história de José Maria são constantemente referidas nas páginas de *DSP*, e incluem não apenas as entrevistas com pessoas que conheceram o seminarista (sua mãe Sinhá, seu tio Gaspar e o frei Rosário, que lhe ministrou a extrema unção), mas também a consulta a material autobiográfico deixado pelo próprio herói falecido, assim como de jornais que noticiavam acontecimentos importantes do Recife do final do XIX. Todo este trabalho lembra bastante o que foi realizado por Freyre em *Ordem e progresso*. Freyre, na elaboração deste seu ensaio, serviu-se não apenas de material autobiográfico em profusão, o que já mencionamos, como também entrevistou mesmo uma velha Sinhá viúva:

Doninha de Sigismundo, pecadora arrependida que, velha e vestida de preto, como a mais severa das viúvas, contou-nos há anos, durante meses a fio, intimidades da vida sexual de ilustres homens de governo do fim da Monarquia e do começo da República, suas informações confirmando as que

com muita dificuldade recolhemos sobre assuntos afins dessas intimidades, de eminente baronesa do império.⁵⁶

O recurso a fontes autobiográficas na composição de biografias, seja a biografia ficcional de seus heróis, seja a grande biografia da nação brasileira em vias de se modernizar, é uma manobra calculada de Freyre. François Dosse observa que

[a] fonte autobiográfica tem, é certo, uma importância capital porque dá ao biógrafo a ilusão de penetrar no âmago da personagem e chegar bem perto da sua intencionalidade. Ele obtém assim, circulando entre os diversos registros, um efeito “estereofônico”. O uso de “memórias”, confissões ou registros autobiográficos é adotado de formas diversas nas biografias; dá a entender que se está mais próximo da restituição autêntica do passado.⁵⁷

3.1. GILBERTO FREYRE, O BIOGRAFISMO E O AUTOBIOGRÁFICO

Conforme aventamos na introdução a este trabalho, a obra de Gilberto Freyre é toda perpassada pelo autobiográfico. Fernando Nicolazzi oferece uma perspectiva sobre esta característica, ao analisar *Casa-Grande & Senzala* como resposta discursiva ao já canonizado *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. *Os Sertões* seria uma narrativa marcada pelo signo da distância que separa o autor de seu objeto. Em

56. FREYRE. *Ordem e Progresso*, p. 56

57. DOSSE. *O desafio biográfico*, p. 68.

seu esforço de superar um mestre de quem se via à sombra, Freyre elaborou sua interpretação do Brasil valendo-se da estratégia oposta, a da proximidade. Utilizando-se disso como recurso narrativo, ele se imbuí de autoridade testemunhal em relação aos eventos que descreve, pouco importando a distância temporal que realmente o separa deles. Em outras palavras,

no conjunto da obra em questão, diversas ‘marcas de enunciação’, em muitos casos de forma bastante implícita, conferem ao autor modos de legitimação de seu discurso, recorrendo a sua própria experiência como fator de legitimidade. Essas marcas têm por efeito, no interior do texto, torná-lo um discurso passível de crença e de aceitação daquilo que enuncia.⁵⁸

Habilmente, portanto, Gilberto Freyre transforma a subjetividade de sua escrita, subjetividade que poderia levar a certa desconfiança acerca da procedência das informações que são enunciadas, em um poderoso instrumento de validação. O que o estudo de Freyre demanda do brasileiro é

um olhar dirigido para si mesmo; algo como uma ‘introspecção proustiana’ que requer, mais que um trabalho crítico de História, um esforço afetivo de memória. Há um laço

fundamental que une o autor e o passado e que, dessa maneira, permite o retorno e a reminiscência.⁵⁹

A identificação entre o autor de *Casa-Grande & Senzala* e Marcel Proust já havia sido feita na própria França, em 1939, por Roger Bastide.⁶⁰ Assim como Proust em busca de seu tempo perdido, Gilberto Freyre também buscava seu “passado tocado em nervos, que emenda com a vida de cada um”, e parece encontrá-lo no limiar difuso entre a história e a ficção. Segundo François Dosse,

[o] gênero biográfico encerra o interesse fundamental de promover a absolutização da diferença entre um gênero propriamente literário e uma dimensão puramente científica – pois, como nenhuma outra forma de expressão, suscita a mescla, o caráter híbrido, e manifesta assim as tensões e as convivências existentes entre a literatura e as ciências humanas.⁶¹

Para conceituarmos melhor o que se pode entender por gênero biográfico consideramos interessante recorrer àquilo que Jaume Aurel chama de biografismo, manifestações narrativas que “envolvem a seleção, descrição e análise de uma trajetória individual a partir de diversos enfoques e metodologias que permitem sua incorporação por meio do romance histórico, das narrativas pessoais [...] da literatura escolar e das biografias propriamente ditas.”⁶²

58. NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 297.

59. NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 329.

60. PESAVENTO. *De Recife para o mundo*.

61. DOSSE. *O desafio biográfico*, p. 18.

62. AUREL. *Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel*, p. 340.

Assim, consideramos a biografia e a autobiografia como manifestações narrativas que partem de enfoques metodológicos distintos para compor uma narrativa sobre uma determinada parcela da realidade. De acordo com Jacques Leenhardt,

a autobiografia tem, em comparação com a biografia, a vantagem de construir, desde o início, a articulação das gerações na experiência do sujeito. É a diferença entre falar de si mesmo e falar do outro. O outro está percebido, automaticamente, como uma entidade fechada em si mesmo, uma entidade de qualquer modo autônoma. Já quanto ao Eu, este sempre sabe da sua inserção numa trama geracional complexa, onde o Eu só pode existir em relação às gerações anteriores e possivelmente posteriores. Desse ponto de vista, a autobiografia tem acesso direto à complexidade dos tempos, enquanto a biografia corre o risco de simplificar a situação, esquecendo a dimensão genética.⁶³

É interessante chamarmos a atenção para o fato de que Gilberto Freyre também se ocupou em biografar algumas personalidades, como o próprio Euclides da Cunha, e que boa parte da documentação pioneira que constituiu matéria-prima para seu trabalho eram biografias individuais de viajantes. Também em *Dona Sinhá* existe a tentativa de biografar Dom Vital Maria, paralelamente à construção

ficcional e autobiográfica do protagonista José Maria. De acordo com informação do prefácio de *Sobrados e Mucambos*, com data de 1961, Dom Vital aparece como o filho da casa-grande por excelência: seu pai fora um rezeiro “com todos os característicos de senhor da terra ou proprietário do solo”, que infundira em seu filho tamanho terror por seu poder patriarcal ao ponto de tê-lo “transformado, por um processo de transferência que a psicanálise talvez explique, em ódio ao Estado e amor à dominadora Igreja, à Maria, à mãe de Jesus – a sofredora, a mártir, a perseguida”.⁶⁴ Também neste mesmo prefácio está indicada uma das fontes às quais Freyre recorreu para reconstruir fatos da vida deste sacerdote, fonte que ele qualifica como “a melhor ou mais pura de todas: o velho sobrinho do bispo, há pouco falecido, Bráulio Gonçalves de Oliveira”.⁶⁵ José Maria, por seu turno, é também representado como um filho da casa-grande, tendo passado boa parte da infância no engenho dos Wanderley de Serinhaém – de quem o próprio Freyre também descendia – ou num sobrado semiurbano em Olinda, no qual tudo o quanto existia, desde os móveis até os criados, havia sido trazido da velha casa grande no campo.

Em *Reinterpretando José de Alencar*, Freyre faz uma comparação, bastante relevante para este trabalho, entre Dom Vital e o romancista cearense:

63. LEENHARDT. *Protocolos da escrita: as estratégias de Gilberto Freyre*, p. 151.

64. FREYRE. *Sobrados e mucambos*, p. 79-80.

65. FREYRE. *Sobrados e mucambos*, p. 80.

E não é à toa ou só por pitoresco que, a propósito de Alencar, lembro Dom Vital: homens do mesmo ânimo, brasileiros da mesma região, românticos da mesma espécie, um empenhou-se em defender contra os abusos do paternalismo, então dominante no Brasil, a Santa Madre Igreja, outro, a para ele também santa e também mãe, Natureza brasileira: inclusive a raça indígena que foi, na composição social do Brasil, raça principalmente maternal.⁶⁶

Alencar surge como uma grande questão em *Dona Sinhá*, mesmo que sua única menção explícita no livro – logo no início – seja algo discreta. Freyre atribui ao cearense o mérito de ter logrado êxito em construir uma literatura que não fosse meramente subsidiária da europeia: uma literatura lusotropical. Sérgio Tavoraro afirma que Freyre procurou defender, especialmente na etapa final de sua trajetória, a ideia de que o trópico teria sido capaz de gestar uma modernidade própria, em nada inferior àquela do centro do capitalismo.⁶⁷ As considerações de Freyre sobre Alencar reforçam esta hipótese, e o projeto literário freyreano parece se pretender de alguma forma manifestação desta modernidade original – tal qual, na visão de Freyre, Alencar o foi, no século XIX. Assim, se Nicolazzi propõe que *Casa-grande & senzala* foi uma narrativa de representação nacional pensada como resposta discursiva a *Os sertões*, sugerimos aqui que *DSP* possa ser entendido da mesma maneira

em relação à produção alencariana. Alencar propõe, em seu grande romance de formação nacional, a ideia de que através da união entre o Índio superiormente belo – Peri – e da branca superiormente bela – Cecília – terá origem uma nação grandiosa e promissora. Já em sua seminovela, Freyre idealiza outro casal, e um amálgama rácico:

Para Paulo sentir naquelas duas imagens – a de Nabuco e a de Luzia – um encanto que mais tarde lhe pareceria ter vindo do fato de haverem sido as duas primeiras grandes revelações de beleza da figura humana a seus olhos de menino. O homem superiormente belo e a mulher superiormente bela. O branco belo e a negra bela. Sua mãe ele achara sempre bonita; mas descobrira que Luzia era mais bonita: bela, poderia ele classificá-la, anos depois, já meio senhor da ciência de graduar palavras. Nem seu pai – que lhe parecia sempre o tipo de homem que ele quisera ser, se fosse já crescido – tinha o porte, a altura, o olhar, as belas feições, que lhe haviam encantado instantaneamente em Joaquim Nabuco. Com esses dois novos pontos de referência – Nabuco e Luzia – é que Paulo recordava-se de ter começado a verdadeiramente distinguir no tipo humano, visto não nas estampas mas na realidade, o belo, do apenas bonito.⁶⁸

Seria, portanto, da junção sobretudo entre brancos e negros – sempre coexistindo em harmonia – que, sugeria

66. FREYRE. *Reinterpretando José de Alencar*, p. 14.

67. TAVOLARO. *Gilberto Freyre e nossa “modernidade tropical”:* entre a originalidade e o desvio.

68. FREYRE. *Dona Sinhá e o filho padre*, p. 118.

Freyre, viria a nascer um novo Brasil. Uma nova civilização, alicerçada nos trópicos, com valores distintos daqueles da civilização industrial burguesa que germinara no centro do capitalismo desenvolvido, mas nem por isso, segundo ele, inferior ou tributária desta. Freyre exclui o índio, a quem Alencar dera tanta preponderância, e valoriza a figura do africano em contraste com a do europeu.

Em *O outro amor do Dr. Paulo* temos outra personalidade que recebe atenção biográfica: o Barão do Rio Branco. Este, o mesmo prefácio citado alhures também menciona, porém como o filho do sobrado, de “um negociante da cidade que enriquecera com a importação de escravos numa época em que esse gênero de comércio não se tornara ainda, no Brasil, atividade degradante para o homem de negócios nela empenhado nem para sua família”.⁶⁹ Outra característica que diferenciaria o Barão de Dom Vital seria sua criação em ambiente de menor autoritarismo patriarcal e de menor opressão da figura materna pela paterna. Tudo isto poderia ter, inclusive, de acordo com Freyre, concorrido para avultar os dotes diplomáticos do Barão do Rio Branco: “no sobrado paterno talvez tenha se familiarizado com alguns dos segredos como que maçônicos necessários ao chamado ‘resgate’ e tidos como meios de defesa da ‘liberdade de comércio’ contra o imperialismo britânico”.⁷⁰ Já a personalidade ficcional que Freyre acompanha em sua

segunda seminovela é Paulo Travassos, também “filho do sobrado”, com um pai negociante; um filho que ajuda a ilustrar o choque geracional tão pormenorizadamente descrito no capítulo III de *Sobrados e Mucambos*. Vale ressaltar que, embora o tempo cronológico da vida de Paulo não corresponda ao narrado neste referido capítulo – *O pai e o filho* trata principalmente da geração de filhos de senhores de engenho educados nas cidades e mesmo na Europa que, alçados a posições de governança pelo então igualmente jovem Dom Pedro II, entraram em choque com o mundo de seus pais e avós, precipitando com novas ideias e costumes o declínio do patriarcalismo – o tempo social é o mesmo, já que Paulo segue todos os passos de subversão e ruptura com os costumes que, segundo Freyre, foram dados por esta “nova geração de bacharéis e doutores”: Paulo, nascido na mesma época que José Maria, de quem foi amigo de infância, bacharelou-se em medicina na Europa, e o pouco tempo que passou no Brasil depois disso foi quase que o de um estrangeiro em terra estranha.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gilberto Freyre é um autor que se esforça por plasmar História, memória e ficção. Sua fé na literatura parece evidente, dado o vasto trabalho como crítico, além de suas incursões na ficção, que foram se tornando cada

69. FREYRE. *Sobrados e mucambos*, p. 80.

70. FREYRE. *Sobrados e mucambos*, p. 80.

vez mais recorrentes. A historiografia dos anos 1970, a fim de compreender o seu próprio funcionamento através dos processos narrativos, começa a investigar os pontos de permeabilidade do discurso historiográfico e alguns, como Hayden White, chegam a advogar pela conclusão radical de que historiadores e romancistas fazem, essencialmente, a mesma coisa. Segundo White, um modo que encontramos de conferir sentido a um conjunto de acontecimentos que nos é estranho seria

codificar o conjunto em função de categorias culturalmente fornecidas, tais como conceitos metafísicos, crenças religiosas ou formas de estória. O efeito dessas codificações é tornar familiar o não-familiar; e em geral esse é o modo da historiografia, cujos “dados” sempre são imediatamente estranhos, para não dizer exóticos, simplesmente em virtude de estarem distantes de nós no tempo e de se originarem num modo de vida diferente do nosso.⁷¹

Tornar familiar o não-familiar é algo que define bem o esforço de Freyre em todos os segmentos de seu *corpus*. Ele procurava, através de um método empático, perscrutar as intimidades, sensibilidades e mentalidades de um mundo desaparecido ou em vias de desaparecer, mas ao qual ele se via bastante ligado. Sua intenção era representar este mundo para todo o Brasil, criando com ele um sentimento

de identificação nacional. Em busca de realizar este intento, Freyre foi capaz de se utilizar de múltiplas ferramentas de representação. Depois de ser consagrado com seus ensaios, ele se lançou em experiências como poeta, contista e seminovelista/romancista. Talvez Freyre tenha visto no romance uma ferramenta que oferecia recursos até então não disponíveis no formato que deu a seus grandes ensaios. Segundo Leenhardt, “o tempo do romance é o único que sabe fazer ver, através da acumulação das cenas percebidas sob ângulos sempre variáveis, o processo social de nascimento do Brasil mestiço”.⁷² Freyre julgava que o real fosse compreensível, mas para alcançar tal compreensão seria “preciso ir muito longe com a descrição, isto é, até o ponto em que a pluralidade faça, ela mesma, aparecer a unidade do sentido, em um espaço teórico onde a rivalidade dos métodos dê lugar a sua convergência”.⁷³

Assim, a multiplicidade de gêneros que nosso autor visitou pode ter sido um recurso do qual ele lançou mão para levar a descrição da realidade até as últimas consequências, a fim de chegar à melhor compreensão possível. Cada uma das roupagens narrativas com que ele se veste ao longo de sua trajetória coloca à sua disposição recursos dos quais as outras, em maior ou menor grau, prescindem. A monografia deu lugar ao ensaio, que foi sucedido pela poesia, pelo conto e pelo romance. E tudo isto se mesclou com

71. WHITE. *Trópicos do discurso*, p. 102.

72. LEENHARDT. *A consagração na França de um pensamento heterodoxo*, p. 28.

73. LEENHARDT. *A consagração na França de um pensamento heterodoxo*, p. 36.

a autobiografia. Autobiografia que foi tentada de forma mais convencional em *De menino a Homem*; texto que foi publicado em 2010, mas que Pallares-Burke data como tendo sido manuscrito em 1981.⁷⁴ Freyre pretendia continuar a utilizar a escrita autorreferencial para produzir descrições sobre (e assim compreender melhor) a realidade. Apenas quatro anos antes já havia sido lançada sua segunda seminovela, e pode-se dizer que Freyre estivesse tomando entusiasmo pelo que ele mesmo definiria como uma carreira de escritor beletrista. Embora não tenha passado despercebido, este segmento de sua obra foi pouco valorizado, especialmente em comparação com os grandes textos elaborados e publicados por ele entre 1930 e 1950.

Acreditamos que um esforço de leitura dos livros abarcados por este artigo seja importante para a compreensão de um autor extremamente maduro e complexo, que revela de si muitas coisas que podem não emergir nas expressões de suas versões mais jovens. Há diversos pontos de contato e convergência entre *Dona Sinhá e o filho padre* e *Ordem e progresso*; suficientes para levar a crer – levando-se em conta, inclusive, as datas extremamente próximas de publicação dos dois livros – que a seminovela pode ter sido elaborada com os sobejos da vasta pesquisa empreendida por Freyre desde a década de 1930 para dar forma a seu último grande ensaio interpretativo da sociedade brasileira. Também

pensamos que, na mesma medida em que *Casa-grande & senzala* pode ser encarado como resposta discursiva aos *Sertões* de Euclides da Cunha – conforme propõe e defende Fernando Nicolazzi em sua tese –, a produção subsequente de Freyre como ficcionista é marcada pela persistência do diálogo com as obras e mesmo a personalidade de José de Alencar.

Não nos parece exagerado afirmar que o projeto de Freyre ao lançar-se como ficcionista autor de seminovelas fosse, em alguma medida, reproduzir sua obra sociológica, porém, sem ter de se preocupar com quaisquer amarras. Embora livros como *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos* sejam por ele próprio vistos como ensaios, livres dos rigores dos compromissos acadêmicos, eles ainda tinham um compromisso com a aporia da verdade, por questões epistemológicas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. Recife/São Paulo: Massananga/Cortez, 1999.

ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: Ática, 1988.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

74. PALLARES-BURKE. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, p. 370.

AUREL, Jaume. Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel.

História (São Paulo). V.33, n.1, jan./jun. 2014. Tradução de Wilton Silva. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v33n1/16.pdf>>, p. 340-359. Acesso em 30 nov. 2017.

AVILA, Arthur de Lima. "Povoando o presente de fantasmas": feridas históricas, passados presentes e as políticas do tempo de uma disciplina. **Expedições: teoria da história e historiografia**. Goiânia, ano 7, n 2, p. 189-209. Ag.-dez. De 2016.

BASTOS, Elide Rugai. Prefácio. In: **Artesania da Sociologia no Brasil: Contribuições e interpretações** de Gilberto Freyre. Curitiba: Appris, 2015.

CASTRO GOMES, Angêla de (org.). **Em Família: a correspondência** de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

COSTA LIMA, Luiz. **A Aguarás do tempo: Estudos sobre narrativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DIMAS, Antônio. Nas ruínas, o otimismo. In: DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). **Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre, entre história e ficção**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/EDUSP, 2006.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968.

_____. **De menino a homem: De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos**. Recife: Global, 2010.

_____. **Dona Sinhá e o Filho Padre: Seminovela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

_____. **Inglese no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

_____. **O outro amor do Dr. Paulo: Seminovela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____. Prefácio à 13ª edição. In: **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

_____. **Reinterpretando José de Alencar**. Departamento de imprensa nacional, 1955.

_____. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Global, 2004.

_____. **Tempo morto e outros tempos: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

GAY, Peter. **O estilo na História:** Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GENETTE, Gerard. **Seuil.** Paris: Seuil, 1987.

HARLAM, David. A História Intelectual e o Retorno da Literatura. In: RAGO e OLIVEIRA GIMENEZ (org.). **Narrar o passado, repensar a história.** Campinas: UNICAMP, 2014.

LACAPRA, Dominick. **History & Criticism.** Ithaca, Londres: Cornell University Press, 1985. _____. Repensar la historia intellectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías José. **“Giro lingüístico” y historia intellectual.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

LEENHARDT, Jacques. A consagração na França de um pensamento heterodoxo. In: DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). **Reinventar o Brasil:** Gilberto Freyre, entre história e ficção. Porto Alegre: Editora da UFRGS/EDUSP. 2006.

_____. Protocolos de escrita: as estratégias de Gilberto Freyre. In: DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). **Reinventar o Brasil:** Gilberto Freyre, entre história e ficção. Porto Alegre: Editora da UFRGS/EDUSP. 2006.

LEJEUNE, Phillippe. **O pacto autobiográfico:** De Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MEUCCI, Simone. **Artesania da Sociologia no Brasil:** Contribuições e interpretações de Gilberto Freyre. Curitiba: Appris, 2015.

NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história:** a viagem, a memória, o ensaio: sobre *Casa-grande & senzala* e a representação do passado. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre:** um vitoriano nos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PALTÍ, Elías José (org.). **“Giro lingüístico” y historia intellectual.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. De recife para o mundo. In: DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). **Reinventar o Brasil:** Gilberto Freyre, entre história e ficção. Porto Alegre: Editora da UFRGS/EDUSP. 2006.

POCOCK, John G. A. **Linguagens do ideário político.** São Paulo: USP, 2003.

ROBERT, Marthe. **Romance das origens, origens do romance.** São Paulo: Cosac-Naify, 2007.

RUGAI BASTOS, Elide. **As criaturas de Prometeu.** Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. São Paulo: Global, 2006.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TAVOLARO, Sérgio. Gilberto Freyre e nossa “modernidade tropical”: entre a originalidade e o desvio. **Sociologias.** Porto Alegre, ano 15, nº 33, 2013, p. 282-317.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. "O que se diz no princípio": uma leitura dos prefácios. In: DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). **Reinventar o Brasil**: Gilberto Freyre, entre história e ficção. Porto Alegre: Editora da UFRGS/EDUSP. 2006.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. **Estudos Históricos**. v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

Recebido em: 07-06-2018.

Aceito em: 31-01-2019.